

O pânico religioso em reportagens sensacionalistas sobre RPG de mesa¹

Gabriel Henrique da Silva Martins Navas²

Rodolfo Rorato Londero³

Universidade Estadual de Londrina - UEL

RESUMO

Em 2001, na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, Aline Silveira Soares foi assassinada e quatro jovens foram acusados, baseando-se em uma teórica relação entre o crime, jogos de RPG e práticas satânicas. Verificando através da análise de discurso os jornais disponíveis online da Folha de S. Paulo, Estado de Minas e do Grupo Globo, este trabalho tem por objetivo discutir o impacto de práticas sensacionalistas da imprensa sob o público, abordando, neste caso, o uso da religião para a difusão de um pânico satânico.

PALAVRAS-CHAVE: pânico satânico; Caso Aline; Caso Ouro Preto; pânico moral; sensacionalismo.

CORPO DO TEXTO

A imprensa desempenha um papel fundamental na comunidade, apresentando por sua lente o mundo para além daquilo que seus consumidores podem presenciar. Se não for sua única fonte de informação, ao menos será uma levada em consideração. Mas ainda que sua influência não se aplique a todos com o mesmo impacto, definindo o que será pensado acerca de um assunto, é capaz de pautar o debate público, aumentando a chance de que um determinado tema seja o foco das discussões gerais, com uma ótica específica acerca deste tendo um maior poder de penetração no discurso, nem que seja pela quantidade com que volta a ser reiterada.

Quando essa abordagem é fruto de interesses duvidosos ou de uma falta de checagem inconsequente, pode-se gerar consequências negativas aos personagens envolvidos e até mesmo à sociedade, pela forma como certos elementos, sobretudo não tão comuns, passam a ser compreendidos por grande parcela da população através desse primeiro contato, por um meio que conta com certa credibilidade.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT10SU - Estudos da Comunicação), evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Graduado no Curso de Jornalismo da UEL, email: gnavas322@gmail.com

³ Professor do Curso de Jornalismo da UEL, email: rodolfoondero@bol.com.br

Foi o que ocorreu no Caso Aline, onde na madrugada do dia 14 de outubro de 2001, no município de Ouro Preto, em Minas Gerais, a estudante de farmácia Aline Silveira Soares, de 18 anos, foi encontrada morta sobre o túmulo de um cemitério local, com 17 facadas e em posição de crucificação, com braços abertos e pés sobrepostos. Aline havia viajado para o município com sua prima, Camila Dolabella Silveira, e uma amiga, Liliane, para participar da Festa do 12, um evento tradicional das repúblicas de Ouro Preto. Na cidade, ficaram hospedadas na República Sonata, onde já moravam Cassiano Garcia, Edson Lobo de Aguiar e Maicon Fernandes Lopes.

Em uma investigação com diversas falhas, a imprensa e a polícia local acusou Camila, Cassiano, Edson e Maicon pela morte, estabelecendo uma relação entre os materiais de RPG de mesa encontrados na república, um tipo de jogo fantasioso de interpretação de papéis, e satanismo. Segundo a acusação, Aline teria morrido no jogo e, portanto, deveria ser realmente morta. Em 2009, o grupo foi absorvido pela inexistência de um nexo causal entre o jogo e o assassinato.

Esse é o principal caso brasileiro envolvendo os jogos de RPG e o chamado pânico satânico, um tipo específico de pânico moral midiático, onde algo é acusado de ter relação com a visão cristã de satanismo, tornando-se objeto de horror e perseguição baseado apenas na moral religiosa. Neste trabalho, este pânico é definido com base nos preceitos de pânico moral desenvolvidos por Stanley Cohen (1972) e a relação entre mídia e pânico sobre o qual fala Malena Segura Contrera (2002).

Para Cohen (2011), o pânico moral se dá quando uma condição, episódio, pessoa ou grupo específico é definido como uma ameaça aos valores e interesses da comunidade e passa a ser combatido. Para isso, a natureza original dessa “ameaça” é apresentada pelos meios de comunicação de massa de forma estilizada e estereotipada.

Já segundo o conceito de “vítimas sacrificiais” adotado por Contrera (2002), os acusados como desviantes são eleitos para sofrer as punições dos mecanismos sociais como exemplo, a fim de manter a violência sobre controle, incentivando tanto que a comunidade não busque vingança quanto impedindo que tal comportamento se perpetue.

Cohen (2011) indica que o pânico moral se configura em cinco etapas. Primeiro, um elemento de desvio ocorre. Esse comportamento chama a atenção de um grupo capaz de disseminar sua visão de mundo, gerando notícias. Casos semelhantes surgem, atacando ainda mais a imagem do grupo desviante. O desvio é então superestimado, fazendo com

que ferramentas de controle sejam adotadas. No Caso Aline, o RPG foi retratado como uma prática desviante, relacionada ao conceito cristão de satanismo e magia negra, fazendo a situação ser abordado a partir do pânico satânico.

No livro *Invasão de Marte* (1947), Hadley Cantril aponta como o pânico moral se instala quando algo altamente valorizado e aceito é ameaçado, e a eliminação dessa ameaça não é confirmada. No caso do pânico satânico, o que se vê ameaçado é não apenas a integridade física e moral da comunidade de forma ampla, mas as crenças estruturais de uma sociedade formada por uma parcela enorme de cristãos. E ainda que a base sobre o qual esse pânico se paute não seja dotada de completo sentido racional, ao ser transmitida por um meio que já tenha em si próprio certa credibilidade, a informação pode se tornar crível ao encontrar com um público já predisposto a confiar naquilo que é veiculado.

Em situações de sensacionalismo como essa, o viés ideológico do jornal pode ser despercebido, com seu discurso entendido como certo de forma geral, o que, inclusive, pode afetar os próprios jornalistas, crendo possuir um tipo de missão pedagógica.

Dada essa capacidade de influência da mídia e suas consequências, o código de ética atua como um mecanismo para, teoricamente, assegurar a integridade de suas produções. Por mais que possam gerar discussões no campo da liberdade de opinião, tanto o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, desenvolvida pela FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas), quanto os Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo, desenvolvidos por organizações representativas internacionais e regionais sob o auspício da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), são enfáticos ao tratar de como se deve agir contra a divulgação de informações falsas e sensacionalistas.

De forma geral, os veículos de imprensa nem sempre disporão de tempo, recursos ou ainda interesse para se aprofundar integralmente nos assuntos que retratam. Para Silva (1997), citado por Contrera (2002), a mídia busca ao máximo se distanciar dessa complexidade, mantendo-se na simplicidade e conformismo, que, segundo diz, é mais rentável. Assim, através de fragmentos do que acredita ter valor como notícia, a imprensa gera em seus consumidores a impressão de estar suficientemente bem informado. Isso é responsável por criar o que Contrera chama de uma sociedade de obesos anêmicos, onde se tem um excesso em quantidade, neste caso, de informações, mas com valor nutritivo, isto é, a qualidade do conteúdo, baixo, quando não nulo ou negativo.

Com o objetivo de discutir o impacto de práticas sensacionalistas da imprensa sob seu público, neste caso, ao fazer uso da religião para a difusão de pânico satânico, este trabalho verificou como foi a abordagem jornalística no Caso Aline, analisando os materiais de estrutura impressa veiculados de forma online pelos jornais *Folha de S. Paulo*, *Estado de Minas* e os veículos jornalísticos do *Grupo Globo*, disponíveis através dos portais *G1* e *O Globo*.

A análise de discurso foi utilizada como metodologia para esta pesquisa, tendo como base o livro *Fragmentos de um Tecido*, de Eliseo Verón (2004). Essa abordagem se define como uma forma de avaliar não apenas a mensagem a partir de seu ponto de origem, na enunciação, mas também em seu destino e no efeito nesse causado. Com isso, o que se aborda não é apenas o que foi dito, mas como isso foi dito no contexto em questão.

Ao longo das 11 reportagens referentes ao Caso Aline publicadas pela *Folha de S. Paulo*, datadas de 19 de outubro de 2001 a 9 de junho de 2010, observou-se como a escolha de palavras e a estrutura dos textos gerou uma associação direta entre o jogo e o assassinato, ainda que utilizasse termos evasivos como forma de evitar a responsabilidade da acusação. Raros são os momentos em que é indicado que essa era apenas a hipótese da acusação, dando a ideia de algo mais próximo da verdade do que realmente era, além dos erros cometidos pela polícia durante a investigação não serem abordados. Com isso, a culpabilização dos quatro acusados já é, ao menos indiretamente, colocada como certa, deixando apenas a motivação como algo a ser debatido.

Neste caso, a polícia de Ouro Preto torna-se um elemento de autoridade que corrobora para que as informações trazidas pelo jornal sejam dignas de confiança, que em contrapartida valida a narrativa apresentada pela investigação, de forma que uma estrutura alimenta a outra.

Além disso, foram veiculadas informações erradas ao longo das matérias, sinalizando uma falha na averiguação dos dados. Outra questão a destacar é como os jogos de RPG são explicados de forma rasa, quando não errada, visto se tratar de um elemento fundamental no caso.

Ao longo de todas as matérias publicações pela *Folha de S. Paulo* sobre o Caso Aline, em apenas uma, por um parágrafo, foi dado foco ao lado dos acusados, abordando o fato da acusação não apontar como os jovens teriam cometido o crime, baseando toda

a argumentação na associação entre jogo e ritual satânico. Isso demonstra não apenas como a moral cristã estava pautando a investigação da polícia, como também se fazia presente na redação do jornal.

No jornal Estado de Minas, dada a forma de escolha dos materiais neste trabalho, sendo através de pesquisas sobre o assunto na ferramenta de busca do navegador de internet e nos próprios portais selecionados, foram encontradas apenas duas reportagens onde a morte de Aline Silveira Soares foi abordada. Ambas as publicações ocorreram no ano de 2016 e retratavam a morte de Thaís Rufino Sodré, que também ocorreu em Ouro Preto próximo a Festa do 12.

Ainda que com um material escasso no jornal Estado de Minas, percebe-se que mesmo após 15 anos o Caso Aline continuava sendo relacionado com satanismo e a noção genérica de “magia negra”. Com isso, o pânico satânico ainda se faz presente, mesmo que não tão destacado.

Sendo um dos principais conglomerados de veículos midiáticos do Brasil, o Grupo Globo apresenta 14 reportagens sobre o Caso Aline através dos portais O Globo e G1. Assim como na Folha de S. Paulo, as matérias vão de 19 de outubro de 2001 a 9 de junho de 2010. Partindo de diferentes jornais, as abordagens apresentam certa variação entre si, com algumas reportagens sendo ainda mais enfáticas ao reforçar a narrativa da acusação do que os demais veículos.

Como também ocorreu com a Folha de S. Paulo, os jornais do Grupo Globo deram mais destaque à suposta relação do jogo de RPG com o satanismo do que para o crime em si, contando com explicações rasas ou incorretas sobre essa prática, além de também apresentar informações erradas sobre o caso e seus envolvidos, basicamente não abordar as falhas da investigação policial, e manter um tom acusatório mesmo após a absolvição dos quatro acusados.

Com isso, conclui-se que os jornais analisados produziram matérias onde Camila, Cassiano, Edson e Maicon foram culpabilizados antes mesmo do final do julgamento, onde foram inocentados. Tais associações eram baseadas puramente na moral cristã, sem qualquer elemento de comprovação. Além disso, essas produções jornalísticas, mesmo após o encerramento do caso, insistiram em relacionar o RPG com práticas ritualísticas e satânicas, contribuindo para que o jogo e seus jogadores fossem alvos de uma perseguição moral.

Ainda que alguns desses jornais buscassem em sua linguagem uma aparente neutralidade ao abordar o caso, fica visível pela forma como os textos foram desenvolvidos e por determinados termos utilizados como os réus em julgamento já eram considerados culpados. Além disso, se evidencia como a imprensa endossou a narrativa da polícia de Ouro Preto ao longo de todos os anos em que o caso repercutiu, mesmo com as falhas na investigação e com uma falta de argumentação sólida. A hipótese do assassinato da vítima estar relacionado com o envolvimento com traficantes não recebeu qualquer destaque ao longo dos anos de cobertura midiática, mesmo com mais evidências indicando este caminho.

Devido a isso, o processo estendeu-se por mais de oito anos, sem que um responsável fosse encontrado e com consequências na vida daqueles que foram injustamente acusados, situação cuja imprensa possuiu papel de destaque. Não que coubesse à imprensa a investigação correta, mas se desejavam ter o ocorrido em suas páginas, poderiam ter se atentado ao código de ética da profissão, contribuído como fiscal na abordagem policial ou ao menos apurado melhor as informações que veicularam, sobretudo tendo em vista como este caso se mostrou incomum e delicado.

REFERÊNCIAS

CANTRIL, Hadley. **The Invasion from Mars**. In: NEWCOMB, Hartley et al. *Readings in Social Psychology*. New York: Henry Holt & Company, 1947.

COHEN, S. **Folk Devils and Moral Panics: The Creation of the Mods and Rockers**. London: Routledge, 2011.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia**. São Paulo. Annablume Editora. Fapesp, 2002. ISBN: 85-7419-240-6.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte: Diários Associados, 1928–. Disponível em: <https://www.em.com.br/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. FENAJ, 4 ago. 2007. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 05 ago. 2024.

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo: Grupo Folha, 1921–. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br>. Acesso em: 16 abr 2025.

G1. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 2006–. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 16 abr 2025.

IOJ; UCIP; FELAP; FELATRAP; FAJ; UAJ; CAJ. **International Principles of Professional Ethics in Journalism.** Tampere University, 1983. Disponível em: <https://research.tuni.fi/ethicnet/country/international-principles-of-professional-ethics-in-journalism/#document-top>. Acesso em: 13 ago. 2024.

IUAMA, Tadeu Rodrigues. **Pânico moral:** um mergulho sobre os bodes expiatórios da comunicação. Ação Midiática, n. 28, jul./dez. Curitiba, 2024. PPGCOM - UFPR. ISSN: 2238-0701.

O GLOBO. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 1925—. Disponível em: <https://oglobo.globo.com>. Acesso em: 16 abr 2025.

SINDICATO DOS JORNALISTAS. **Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo – 1983.** Sindicato dos Jornalistas, 19 abr. 2010. Disponível em: <https://jornalistas.eu/principios-internacionais-da-etica-profissional-no-jornalismo-1983/>. Acesso em: 21 dez. 2024.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** Editora Unisinos, 2004.